

Entre pisar suavemente na terra ou comer suas entranhas: as escolhas que fazemos nos definem

Between stepping gently on the ground or eating its insides: the choices we make define us

Carla Bronzo¹

RESUMO

Este ensaio discute os desafios que se colocam, em diversos campos e disciplinas, com a emergência da pandemia do COVID-19. A partir da análise de artigos que foram veiculados recentemente pela mídia, dando voz a cientistas e pensadores de diversas disciplinas e campos de conhecimento e ação, o texto reafirma o momento de inflexão que vivemos e aponta para a necessária mudança de paradigma cognitivo para o enfrentamento do duplo desafio da emergência climática e da desigualdade social, adotando a complexidade das múltiplas racionalidades, que nos ajudaria a reverenciar a vida, em sua concepção mais profunda e a humanidade, nosso projeto comum.

Palavras chave: Desigualdade social, mudança paradigmática, complexidade, mudanças climáticas

ABSTRACT

This essay discusses the challenges that arise in different fields and disciplines with the emergence of the COVID-19 pandemic. Based on the analysis of articles that were recently published by the media, giving a voice to scientists and thinkers from different disciplines and fields of knowledge and action, the text reaffirms the moment of inflection we are experiencing and points to the necessary cognitive paradigm shift for coping the double challenge of climate emergence and social inequality, adopting the complexity of multiple rationalities, which would help us to revere life, in its deepest conception and humanity, our common project.

Keywords: Social inequality, paradigmatic turn, complexity, climate change.

¹ Doutora em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005). Pesquisadora e professora da Escola de Governo/Fundação João Pinheiro/MG. E-mail: carla.bronzo@fjp.mg.gov.br.

Artigo Convidado para compor este Fórum Especial em Democracia, Políticas Públicas e COVID-19. Agradecemos à autora a participação neste debate tão urgente.

1. Introdução

Este texto é fruto de uma sensação de perplexidade e do desejo de buscar uma compreensão que aborde esse real sem borda, esse tempo de incertezas, impasses, que produz inflexões profundas em nosso modo de existir que se materializa nesse cenário de pandemia do COVID-19. Longe de buscar um prognóstico ou intentar uma previsão futurológica, buscou-se aqui colocar em perspectiva diversos artigos de cunho mais jornalístico que acadêmico, para evidenciar o óbvio: diversas vozes, de distintos campos de conhecimento, sinalizam para um mesmo conjunto de questões. E diante dos desafios colocados por tantas e distintas vozes, quais as possibilidades abertas e para onde vamos?

2. A Crise Ambiental e a Conexão entre o Mundo Humano e Natureza

Vários autores, de diferentes campos e trajetórias, vêm afirmando a percepção de que a crise sanitária que vivemos deve ser entendida como única, singular, pois anunciaria uma ruptura, uma passagem, uma quebra de mundos. Ailton Krenak (2020), ressoando as vozes dos povos da floresta, entende a crise atual como “uma espécie de mudança do paradigma civilizatório”, sendo que a tragédia que vivemos atualmente decorre da forma como a humanidade vem tratando a natureza, contaminando suas águas, poluindo o ar, rasgando montanhas, derrubando florestas, alterando de forma radical a fauna e flora do planeta. As mudanças climáticas, denunciadas de forma clara e categórica no último relatório mundial em 2019, nos empurram para um futuro sem volta, de extinção e sofrimento. “Os brancos precisam aprender a pisar suavemente na Terra”, diz Krenak (Ibdem), e só assim poderemos fazer um futuro diferente.

Vandana Shiva, no campo da física e dando voz ao ecofeminismo e ao ativismo ambiental, entende que a pandemia atual é produto da ação humana e não um fenômeno natural, sendo “antropogênica”, portanto; fruto das atividades humanas e como tal deve ser analisada. Para Shiva (2020), a

Avareza humana, que não respeita os direitos de outras espécies, nem os direitos dos membros de nossa mesma espécie, é a raiz desta pandemia e das pandemias que a seguirão. Uma economia global baseada na ilusão do crescimento ilimitado se traduz em um apetite insaciável pelos recursos planetários, o que, como consequência, se traduz em uma ilimitada transgressão dos limites do planeta, dos ecossistemas e das espécies (SHIVA, 2020).

Também manifesta uma percepção de que a emergência sanitária está relacionada com a emergência climática, com a extinção massiva de espécies, com uso abusivo de venenos; afirmando o efeito deletério dessa visão da natureza como algo que se pode dominar, manipular e controlar com a finalidade de gerar lucro, sem qualquer constrangimento ético ou limite que se interponha a essa relação de exploração. Bastou um único morcego, “uma única mutação em um único gene de um único vírus que infectou um único ser humano”, em alguma parte remota da África para que o Ebola se tornasse uma epidemia devastadora, como afirma Harari (2020). Os limites entre o mundo viral e humano são condicionados pelas ações humanas na natureza e passam também pelo interior de cada corpo humano, por aquilo que ocorre em uma única célula. Basta um indivíduo e toda uma sociedade pode ser dizimada. E, ironicamente, essa situação só pode ser enfrentada coletivamente e de forma cooperada.

Neste momento de crise, a batalha crucial está sendo travada dentro da própria humanidade. Se a epidemia criar mais desunião e desconfiança entre os seres humanos, o vírus terá obtido sua maior vitória. Quando os humanos brigam, os vírus se duplicam. Em troca, se a epidemia produzir uma maior cooperação mundial, essa será uma vitória não só contra o coronavírus, mas contra todos os futuros agentes patogênicos (HARARI, 2020).

Essa é uma narrativa sobre a crise atual que tem encontrado reverberação em várias vozes, de atores de diferentes campos disciplinares e linhagens teóricas distintas que enfatizam um mesmo conjunto de questões, que apontam para um certo esgotamento da nossa forma de atuar no mundo, como humanidade. E a razão de fundo desse fato reside na nossa organização econômica e social.

A busca do lucro e do crescimento ilimitado são as razões da vulnerabilidade ontológica atual na qual todo o planeta se encontra. Estamos todos os 7,5 bilhões de seres humanos ameaçados em nossa sobrevivência física, correndo o risco da doença e da morte, em razão de um vírus, um objeto que não é sequer considerado um ser vivo, cuja expansão é consequência da forma como vimos gerando nossa relação com a natureza, seus animais, florestas, solos, águas. Entretanto, se vivemos atualmente uma crise ecológica, ambiental, sanitária, vivemos também uma crise econômica e social, política e ética. Nunca a conexão entre mundos e esferas da existência foi tão evidente como atualmente.

Já sabíamos disso há algum tempo, antes da atual pandemia. Pesquisadores já haviam anunciado a conexão entre a invasão de florestas, desequilíbrio da fauna e flora e emergência de vírus nocivos aos humanos, deixando clara a relação entre desmatamento florestal e o aparecimento de doenças. Diversos pesquisadores, como por exemplo Rob Wallace, na tese *Big Farms Make Big Flu*, salientam a relação entre criação predatória de animais para consumo alimentar e a emergência de doenças e vírus letais. Jeremy Rifkin (2012), no campo da sociologia, também salienta a urgência de uma terceira revolução industrial, enfatizando as relações perversas entre emergências climáticas, pandemias, ameaças de extinção da humanidade.

3. A Desigualdade Social e o Intolerável

A quem serve essa potência exploratória e destruidora? Aqui está o centro da questão, a mercantilização do mundo, da natureza, das relações, como marca da vida econômica e social moderna. Nada de novo além do que o velho Karl Marx percebeu, há mais de 170 anos.

Também temos a atualidade de uma reflexão bem antiga sobre o sentido da riqueza social. Basicamente o que está sendo colocado em xeque é o conceito de riqueza que está na base da organização econômica do capitalismo, que valoriza sobretudo o valor de troca, deixando de lado a dimensão do valor de uso, que perdeu lugar na teoria econômica. Alguns autores, como Caporali (2019) e Mazzucato (2019), sustentam ser preciso reinventar a ciência econômica, uma vez que a complexidade do mundo atual não pode ser compreendida a partir de velhas concepções, categorias e premissas da economia tradicional. Segundo Caporali (Ibidem), foi a ênfase na crematística e não na economia, segundo a distinção de Aristóteles, que nos levou a esse momento de nossa história social, na qual bens que não podem ser trocados não têm valor. Nosso estilo de vida e estilo de consumo nos levou a um dilema ético, com o qual temos que nos haver se quisermos de fato um compromisso com a sustentabilidade da vida humana na terra.

O debate econômico mais importante atualmente consiste em discutir o conceito de riqueza, mas riqueza real, com menos foco na taxa de crescimento e mais foco em sua direção. Que políticas vamos sustentar? O que vamos produzir? Em quais tipos de infraestrutura vamos investir? Quais as relações entre tais escolhas e os objetivos sociais mais amplos de sustentabilidade da nossa existência nesse planeta e o respeito à dignidade de toda pessoa humana? A necessidade de trazer essas questões, que nascem no campo da economia política, mas o extrapola, aponta para a natureza ética do debate sobre o desenvolvimento, o que implica politizar os atos de consumo, problematizar nosso estilo de vida e assumir que todo ato de consumo é também um ato político.

Slavoj Žižek, com a mirada filosófica e sagacidade que lhe é peculiar, aponta na mesma direção:

O fenômeno bizarro que podemos observar é o retorno triunfante do animismo capitalista, de tratar fenômenos sociais como mercados ou o capital financeiro como uma entidade

viva. Lendo a mídia empresarial, ficamos com a impressão de que, na verdade, não deveríamos nos preocupar com os milhares que morreram (nem com os outros milhares que ainda vão morrer), mas com os “mercados que estão ficando apreensivos”. O coronavírus perturba cada vez mais o bom funcionamento do mercado mundial e, segundo o que ouvimos, o crescimento pode cair dois ou três por cento. Tudo isso não indica claramente a necessidade urgente de uma reorganização da economia global, que não esteja mais à mercê dos mecanismos de mercado? (ZIZEK, 2020)

Economistas mais tradicionais e ocupantes de posições de destaque no establishment liberal, como Joseph Stiglitz, também apontam para uma necessária ruptura no capitalismo atual:

Precisamos mudar as regras da economia, que agora minam os direitos dos trabalhadores, aumentam o poder das corporações, permitem a poluição excessiva e os gerentes extraem muito dinheiro das empresas. Precisamos de mais ação coletiva....Há um desilusão real com os mercados. Como as empresas se comportam: a indústria farmacêutica e a crise dos opioides, a indústria de alimentos e a crise do diabetes infantil, os bancos e a crise financeira. E que o capitalismo não funcionou para uma grande faixa da sociedade (STIGLITZ, 2020)

Desde 2011, pelo menos, tem-se um movimento de denúncia e de recusa de um sistema econômico que funciona para uma parcela muito pequena da sociedade. O movimento Occupy Wall Street acusa essa realidade de 1% da população americana que ocupa o estrato mais alto na hierarquia social e que concentra um valor enorme de riqueza e renda, situação que vem se intensificando ao longo das décadas, como mostra Piketty (2014), não só nos EUA mas em todo o mundo. Quer dizer, o capitalismo amplia a desigualdade e essa verdade simples é o grande segredo a ser escondido a todo custo. No livro O capital no século XXI o autor discute, basicamente, o tema da desigualdade no mundo.

A tese central do livro indica que, numa economia em que a taxa de rendimento sobre o capital é maior que a taxa de crescimento econômico ($r > g$), a riqueza herdada cresce com maior velocidade do que a riqueza produzida (Piketty, *Ibidem*, p. 555). As facilidades das famílias ricas, na comparação com as penúrias das classes populares não seriam, portanto, meros acidentes. Disso deriva que a concentração de riquezas decorrente desse processo não condiz com as ideias de justiça social. Daí surgiria mais dificuldade para o fortalecimento das democracias contemporâneas. Da forma como está, o capitalismo engendraria de modo automático o fomento da desigualdade e acabaria trazendo graves conturbações sociais (CAPRARA, 2017)

Nesse ponto encontramos, portanto, outro eixo de inflexão, que demonstra o ponto de mutação necessário, mas agora sob a perspectiva da desigualdade social. Embora a pandemia nos ameace a todos, nos remeta a nossa vulnerabilidade mais básica, ao adoecimento e à morte, essa vulnerabilidade está marcada também pela cunha da desigualdade. A letalidade do vírus nas periferias de uma metrópole é muitas vezes maior do que em outros bairros com melhores condições de vida. Na cidade de São Paulo, por exemplo, em um mesmo período de tempo, em Brasilândia temos um total de 89 casos de infecção e 33 mortes, enquanto que no Morumbi tem-se 297 casos de infecção e apenas 7 mortes. Não apenas tem-se uma diferença abissal de renda entre as populações que moram na zona sul ou na zona norte de uma cidade, mas também diferenças absurdas nas condições gerais de vida e no acesso aos bens públicos, como leitos hospitalares e respiradores. A letalidade da doença é distinta, conforme o território onde cada um habita.

Vamos a alguns dados sobre a multifacetada desigualdade, com a intenção de que eles possam ser lidos de uma forma diferente, não apenas como estatísticas, mas como expressões de nossa configuração social e que possam remeter às vidas e às misérias vividas por pessoas com rosto e nome, idade e endereço, sonhos e possibilidades. Os dados do relatório da Oxfam mostram que “o 1% mais rico da população

mundial possui a mesma riqueza que os outros 99%, e apenas oito bilionários possuem o mesmo que a metade mais pobre da população no planeta” (Oxfam, 2017, p. 11). Ao mesmo tempo, mais de 700 milhões de pessoas vivem com menos de US\$ 1,90 por dia. No Brasil, considerando a desigualdade de riqueza, que envolve propriedades e bens financeiros (aplicações e ações), “seis brasileiros possuem a mesma riqueza que a soma do que possui a metade mais pobre da população, mais de 100 milhões de pessoas. Gastando R\$ 1 milhão por dia, estes seis bilionários, juntos, levariam em média 36 anos para esgotar o equivalente ao seu patrimônio” (Oxfam, 2017, p. 30).

Considerando a desigualdade de renda, os 10% mais ricos do Brasil têm rendimentos domiciliares per capita de, em média, cerca de 4,5 mil reais e o 1% mais rico do país recebe mais de R\$ 40 mil por mês. Cerca de 80% da população brasileira – 165 milhões de brasileiras e brasileiros – vive com uma renda per capita inferior a dois salários mínimos mensais que, nos valores de cálculo na época da elaboração do relatório seria inferior a 1,6 mil reais. Os 5% mais ricos detêm a mesma fatia de renda que os demais 95%. Falamos de uma realidade na qual seis em cada dez pessoas têm uma renda domiciliar per capita média inferior a 800 reais por mês ou ainda na qual uma pessoa que recebe um salário mínimo mensal levaria quatro anos trabalhando para ganhar o mesmo que o 1% mais rico ganha em um mês, em média.

Essa desigualdade fica ainda mais aguda quando olhamos para além da desigualdade de renda e focalizamos o acesso a serviços básicos, como água potável ou energia elétrica. Se o acesso a esses dois serviços era praticamente universal para os 5% mais ricos da população brasileira já na década de 80, o acesso a água potável, em pleno século 21, é acessível para pouco mais de 60% dos 5% mais pobres da população brasileira, sendo que apenas por volta de 2005 o acesso à água potável alcançou a metade dessa população. Toda essa desigualdade é aprofundada considerando gênero e cor. Levando em conta somente a renda advinda do trabalho, têm-se mais mulheres na faixa de até 1,5 salário mínimo (65%) e nas faixas mais altas essa presença vai ficando menor, em relação aos homens. Esta mesma relação se observa quanto à cor: 67% dos negros estão na faixa de até 1,5 salário mínimo (Oxfam, 2017, pp. 26, 27).

Daí tem-se a complexidade, a magnitude e a urgência do problema da desigualdade em todo o mundo, e de forma grave no Brasil. Tem-se, por um lado, uma enorme desigualdade na apropriação da riqueza e renda e, por outro, o aprofundamento dessa desigualdade a partir do caráter regressivo da política tributária brasileira. Somente dois países dentre os países membros ou parceiros da OCDE isentam donos ou acionistas de empresas a pagarem impostos sobre dividendos recebidos da distribuição de lucros: Brasil e Estônia (Oxfam, 2017, p. 46). No Brasil essa política de isenção nos coloca como o país mais generoso com os muito ricos, dentre todos os países do planeta: para rendimentos superiores a 320 salários mínimos mensais (R\$ 252.160,00) a isenção pode chegar a 70%. Por outro lado, para as faixas de 1 a 3 salários mínimos mensais (R\$ 788,00 a R\$ 2.364,00) a isenção é de 9%. (Oxfam, 2017). Quer dizer, quem tem menor renda tem menor taxa isenção, ao contrário dos altos rendimentos, que contam com taxas mais generosas de isenção. A injustiça tributária combina-se com um tipo de capitalismo no qual o capital cresce vertiginosamente sem ter qualquer relação com a produtividade. Trata-se de um movimento que alimenta uma riqueza sem compromisso com a produção e que gera lucros e mais lucros em cima de um capital que nada produz, a não ser a si mesmo, endogenamente, sem lastro com a geração de riqueza real.

Dada essa estrutura de desigualdade, tem-se uma situação planetária trágica, produzida, sobretudo, pelo modo de vida predatório que nos coloca diante de dois grandes dilemas civilizatórios: um que se refere às mudanças climáticas e a todo esse desequilíbrio decorrente da forma de exploração da natureza; e outro que diz respeito à desigualdade social, entendida em sua multidimensionalidade e interseccionalidade e que se alimenta não apenas da diferenciação na posse de ativos diversos (renda, educação, saúde, bens materiais, trabalho, capital para investimento etc.), mas da multiplicação dessa desigualdade por conta de um capitalismo financeiro que muito dá a quem já muito tem, como um Robin Hood às avessas.

4. Como Lidar com os Desafios Civilizatórios?

Que conjunto de forças sociais podem estruturar uma agenda que enfrente, simultaneamente, os desafios ambiental e social, das mudanças climáticas e da desigualdade social? E, caso se consiga uma convergência cognitiva ou um senso compartilhado acerca da natureza e dos tipos de problemas que enfrentamos como humanidade, como operacionalizar essa intenção? Que esforços de coordenação multiníveis, intersetoriais e entre distintas esferas sociais – do estado, sociedade civil e setor privado – devem ser viabilizados para dar concretude a essa agenda? Certamente as condições de materializar tais convergências cognitivas, caso existam, não são triviais.

Nem todos os grupos, coletividades ou pessoas compartilham dessa mudança de paradigma ou sequer percebem que o mundo está ruindo sob o peso de tantas barbaridades na forma como agimos com a natureza e entre nós, os humanos. Ao mesmo tempo em que se ouvem as vozes que ecoam na direção de uma “possível retificação do projeto de civilização humana”, e que tem-se o apelo a uma ética da ação pautada na cooperação, na percepção da interdependência e na solidariedade como condição para existência de um futuro, tem-se, obviamente, outras narrativas.

Outras narrativas, concepções e práticas econômico-sociais-ambientais que levam ao aprofundamento da desigualdade e da destruição da vida humana na terra, e que tomam como certo o inevitável cataclisma que marcará o fim da humanidade. Esta é a visão de futuro de um grupo de ultra ricos, capturada pelo teórico de mídia e economia digital Douglas Rushkoff (2018). Nessa visão apocalíptica, tem-se a inevitabilidade de um Evento, “sendo esse o eufemismo que (os ultra ricos) usavam para o desastre ambiental, a agitação social, a explosão nuclear, o vírus incontrolável ou os hackers-robôs que destroem tudo”. O futuro, nessa visão sombria, não é algo criado a partir das ações humanas, mas é algo dado e sobre o qual não se pode atuar. Para esses ultra ricos,

Eles estavam convencidos que já fomos longe demais... eles estavam se preparando para um futuro digital que tinha muito menos a ver com tornar o mundo um lugar melhor, do que com transcender inteiramente a condição humana e isolar-se do perigo hoje real das mudanças climáticas, aumento do nível do mar, migrações em massa, pandemias globais, pânico e esgotamento de recursos. Para eles, o futuro da tecnologia tem a ver com uma única coisa: escapar...” (RUSHKOFF, 2018).

Nos encontramos em um ponto de inflexão como civilização. Isso é um fato que busca ser capturado a partir de diversas perspectivas e distintos pressupostos. Vivemos, portanto, uma transição paradigmática, extrapolando a concepção de Thomas Kuhn (1991) sobre a ciência para o campo social, cujos desfechos são incertos. Como toda inflexão, encruzilhada ou ponto crítico de mutação, as respostas estão abertas. Mas pode haver uma esperança, talvez romântica, mas certamente também orientada pelo pragmatismo e realismo, de que essa elite, ou uma boa parte dela, compartilhe de uma cosmovisão que recupere o sentido de sociedade, de coletivo, de solidariedade que permitam a nossa existência humana em comum.

Trazer para primeiro plano do debate público o tema das implicações morais da atividade humana é o que está no centro de toda a crise sanitária, social, econômica, ambiental, ética, política que atravessa o planeta, a um só tempo, aqui e agora. Algumas vozes, também da elite econômica mundial, acendem os alertas e advogam os limites do modo de vida e produção atual. Tais atores reconhecem a necessidade de atuação dos governos na esfera do mercado, jogando água no pressuposto fundamental do liberalismo econômico, como se pode perceber nas falas de importantes dirigentes de bancos e instituições financeiras globais. O executivo do banco suíço Julius Baer, Yves Bonzon, por exemplo, afirma:

Los gobiernos ya no tienen otra opción, deben intervenir masivamente no solo em los mercados, sino sobre todo em la economía real para evitar um escenario de desastre al estilo de los años treinta. (...) Estamos entrando en la era del capitalismo patrocinado por

el Estado, casi de la noche a la mañana. Estamos perdiendo los mercados libres. Este cambio radical requiere que adaptemos varios de nuestros modelos de inversión (BONZON, 2020).

Segundo a reportagem considerada, essa visão é compartilhada por outros atores do mercado financeiro, como bancos, consultorias financeiras e fundos de investimento, e no geral apontam os limites da mão invisível e a transição para um outro tipo de ação governamental no funcionamento da economia. Mas como enfatiza o autor da matéria, “dar adeus a esse eixo do neoliberalismo não significa dar adeus ao capitalismo”, na medida em que permanecem os pilares da propriedade privada e da lei da oferta e procura. Mas trata-se de um capitalismo que permita a sustentabilidade da vida humana no planeta e não um capitalismo predatório e orientado para morte, para o veneno, armas, destruição das entranhas da terra. Mais economia e menos crematística é o que está na base desses arroubos de consciência social.

Para além de um binarismo cognitivo que compreende apenas perspectivas antitéticas, o que se afirma como subjacente a essas visões é que precisamos de um olhar que seja capaz de abordar a complexidade, que compreenda o sentido profundo da interdependência de nossa existência comum. Uma única mutação, em uma única célula, em um único ser humano, pode conter a chave de nossa destruição como espécie. Essa condição de vulnerabilidade extrema, sendo fruto de nossas ações e do espírito do capitalismo desprovido de qualquer ética, nos coloca diante do impasse que está se impondo, com toda força, em nosso tempo. Como afirma Rifkin (2012) “necessitamos de uma nova visão, uma visão diferente de futuro”, que sustente um Green New Deal:

Estamos criando uma nova era chamada glocalização. A tecnologia zero emissões desta terceira revolução será tão barata que nos permitirá criar nossas próprias cooperativas e nossos próprios negócios, tanto física como virtualmente. As grandes companhias desaparecerão. Algumas delas continuarão, mas terão que trabalhar com pequenas e médias empresas, com quem estarão conectadas pelo mundo todo. Essas grandes empresas serão provedoras das redes e trabalharão juntas, em vez de competir entre elas. Na primeira e na segunda revolução, as infraestruturas foram feitas para ser centralizadas, privadas. No entanto, a terceira revolução tem infraestruturas inteligentes para unir o mundo de uma maneira glocal, distribuída, com redes abertas (RIFKIN, 2012).

As concepções de redes, conexões, elos e ligações constituem a imagem mais potente do século 21. O que está na base dessas ideias-força é a constatação, cada vez mais visível, da interdependência: entre mundo humano e natural, entre setores da vida social (mercado, estado, sociedade), entre esferas sociais (da saúde, da ética, da economia, da política...), entre campos disciplinares, entre setores governamentais. A percepção de que os fenômenos estão interligados e de que a realidade não é totalmente compreendida se adotamos uma visão linear, setorial e fragmentada do mundo, tem emergido no campo do conhecimento e da ação de forma cada vez mais intensa.

5. Considerações Finais

Seja no campo da ciência, sob as concepções de trans e interdisciplinaridade; ou no campo das dinâmicas sociais sob o termo interseccionalidade, como referência às camadas sobrepostas de vetores de vulnerabilidade, como cor, gênero e classe; ou ainda no campo da gestão pública, sob a concepção de integralidade e intersetorialidade, tais ideias-força partem de um mesmo princípio: o de complexidade. O significado de complexidade advém da palavra complexus, que significa: “aquilo que é tecido em conjunto” (MORIN; LE MOIGNE, 2000, p. 209). O pensamento complexo põe luz sobre o que religa, interage, interfere e, nesse sentido, “o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional” (MORIN, 2015, p.7).

O pensamento complexo aplicado ao tema da desigualdade nos leva à Wilkinson e Pickett (2015) que, com base em evidências coletadas em mais de 30 anos de pesquisas, afirmam que uma sociedade mais igualitária é melhor para todos. Para sustentar tal afirmação, mostram as relações (correlações e os elos causais) entre desigualdade e diversos e inúmeros fatores de vulnerabilidade e condições sociais, como gravidez precoce, riscos na infância, criminalidade, doenças mentais, obesidade, vida comunitária e relações sociais, condições de saúde, punição e encarceramento, desempenho educacional, mobilidade social, confiança nas instituições, dentre outras variáveis. Os dados são irrefutáveis.

Thomas Piketty nos lembra que a redução das desigualdades, no século 20, aconteceu depois de “profundos choques políticos, como guerras, depressões e revoluções” (PIKETTY, 2014 apud THOMÉ, 2017) e que os determinantes sociais e políticos foram mais importantes que os determinantes econômicos para entender a evolução da desigualdade (Thomé, 2017). Essa constatação, embora singela, remete à esperança. O que vai acontecer com os padrões de desigualdade depende das instituições que as sociedades decidirem construir e das políticas que escolham adotar. O futuro não está condenado à ocorrência de um Evento inescapável, mas será fruto das ações humanas que são realizadas aqui e agora. Concepções importam. Como nos lembra Max Weber, as ideias também moldam o mundo, orientam as ações humanas, cravam o sentido de nossa existência.

Mais do que nunca o pensamento complexo é necessário para uma compreensão mais ampla, holística ou multidimensional dos fenômenos de crise que vivenciamos atualmente, nesse cenário de pandemia. Os limites e separações são ilusórias e a realidade se manifesta como uma teia emaranhada de conexões, de sinergias e interações entre mundos e esferas, como a crise sanitária atual nos mostra. Crise que abarca os diversos níveis da nossa existência, nos remete a um futuro incerto, aberto e inseguro e exige nosso posicionamento e escolha.

A crise ambiental, marcada pelas mudanças e emergências climáticas; e a crise humanitária, denunciada pela extrema desigualdade social, nos desafiam. De nossa resposta, construída no embate entre forças, ideias e interesses, entre retóricas e narrativas, depende nosso futuro. Temos dados e informações suficientes, temos vozes e discursos, temos visões. Não é isso que nos falta. Falta-nos, talvez, uma racionalidade mais sofisticada, capaz de estender o olhar no longo prazo, e nas dobras do tempo e da vida em sua complexidade. E, com essa percepção ampliada, termos a coragem para agir, motivados, sobretudo, pela vontade de pisar suavemente na terra, reverenciando a vida, em sua concepção mais profunda e a humanidade, nosso projeto comum.

Referências

ALIER, Juan Martínez. Economia e ecologia: questões fundamentais. **Revista brasileira de ciências sociais**. - São Paulo, ISSN 0102-6909, ZDB-ID 738037-9. - Vol. 3.1988, 7, p. 99-115.

BONZON, Yves. Julius Baer: **Los gobiernos deben intervenir masivamente en la economía para evitar un desastre como en 1930**. Europress, 15/03/2020. Disponível em: <<https://www.europapress.es/economia/finanzas-00340/noticia-julius-baer-gobiernos-deben-intervenir-masivamente-economia-evitar-desastre-1930-20200415112917.html>>. Acesso em: 26 de abril de 2020.

CAPORALI, Renato. **La Ciencia de la Riqueza**. Ed.Icono, Bogota, 2019.

CAPRARA, Bernardo. **Sociologias** vol.19 no.44 Porto Alegre Jan./Apr. 2017.

CESARINO Letícia. **Coronavírus como força de mercado e o fim da sociedade**. <<https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/coronav%C3%ADrus-como-for%C3%A7a-de-mercado-e-o-fim-da-sociedade>>. Acesso em: 26 de abril de 2020.

KRENAK, Ailton. **O Tempo para Respeitar a Terra Acabou**. YAM.COM. Entrevista concedida à Keila Bis.

Disponível em: <https://yam.com.vc/sabedoria/775794/ailton-krenak-o-tempo-para-respeitar-a-terra-acabou?fbclid=IwAR3FkWNxAf1KVOoaSCWL-2k8EkZYWRE9lojmQt0yao_movce4YRHbYQ5Ssgi>.

Acesso em: 26 de abril de 2020.

HARARI, Yuval Noah. **Na Batalha Contra o Coronavírus, a Humanidade está sem um Líder**. SBFMC, 27/04/2020. Disponível em: <<https://www.sbfmc.org.br/noticias/artigo-traduzido-na-batalha-contra-o-coronavirus-a-humanidade-esta-sem-um-lider/>>. Acesso em: 27 de abril de 2020.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1991

MAZZUCATO, Mariana (2019). **O valor de tudo. Fazer e tirar na economia global**. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 428 pp.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5.ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008

_____; LE MOIGNE, Jean-Louis. L. **A inteligência da complexidade**. 3.ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

OXFAM BRASIL. **A distância que nos une**, 2017. Disponível em: <<https://oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/a-distancia-que-nos-une/>>. Acesso em: 26 de abril de 2020.

PIKETTY, Thomas. **O Capital do Século XXI**. Editora Intrínseca, Rio de Janeiro, 2014.

PINHO, Carlos Eduardo Santos. **Pandemia global, governo e desigualdade no Brasil: Um olhar das ciências sociais**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597877-pandemia-global-governo-e-desigualdade-no-brasil-um-olhar-das-ciencias-sociais>>.

RIFKIN, Jeremy. **A Terceira Revolução Industrial – Como o poder lateral está transformando a energia, a economia e o mundo**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2012.

RUSHKOFF, Douglas. **Os ultra-ricos preparam um mundo pós-humano**. Site Outras Palavras, 2018. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/sem-categoria/os-ultra-ricos-preparam-um-mundo-pos-humano/>>. Acesso em 26 de abril de 2020.

SHIVA, Vandana. **Um vírus, a humanidade e a terra**. franciscanos.org: 16/04/2020. Disponível em: <<https://franciscanos.org.br/vidacrista/um-virus-a-humanidade-e-a-terra/>>. Acesso em: 26 de abril de 2020.

STIGLITZ, Joseph. "Em todas as dimensões, o neoliberalismo foi um fracasso". **Revista Carta Maior**. Entrevista concedida à Justo Barranco. 03/03/2020. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Sociedade-e-Cultura/Joseph-Stiglitz-Em-todas-as-dimensoes-o-neoliberalismo-foi-um-fracasso-/52/46648>>. Acesso em: 27 de abril de 2020.

THOMÉ, Luciana. **Thomas Piketty: o avanço da desigualdade e a globalização**. Fronteiras do pensamento. Porto Alegre, 2017

WILKINSON, Richard; PICKETT, Kate. **O nível: por que uma sociedade mais igualitária é melhor para todos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira; 2015.

ZIZEK, Slavoj. **Zizek vê o poder subversivo do Coronavírus**. Outras palavras, 03/03/2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/zizek-ve-o-poder-subversivo-do-coronavirus/>>. Acesso em: 27 de abril de 2020.